

JB
15/1/97 15
61

As reservas da Vale

SÔNIA ARARIPE

A polêmica em torno das reservas minerais da Vale do Rio Doce ainda vai provocar muita discussão. Não é à toa. A Vale tem hoje reservas já avaliadas, assim como outras tantas que ainda estão sendo contabilizadas, capazes de tirar o fôlego de qualquer investidor estrangeiro. E também dos brasileiros. Porém, é preciso separar o joio do trigo, ou melhor o potencial do que é economicamente viável.

“Esta não é uma discussão apaixonada ou política. Acima de tudo é um assunto técnico que precisa ser examinado por este prisma”, adverte Airton Sintoni, presidente da Associação Brasileira dos Engenheiros de Minas. O que muitas pessoas se esquecem é do custo de prospecção, extração e beneficiamento dos minerais, diz.

Quem vai à Carajás tem uma amostra de por que a privatização da Vale é tão polêmica. As minas, no Sul do Pará, estão ligadas a um porto ultramoderno no litoral do Maranhão — o Porto de Ponta da Madeira, em São Luís — através de uma ferrovia invejável.

Tecnologia — O minério de ferro, principal item hoje explorado na rica província, chega aos porões dos navios em São Luís sem que os homens precisem manuseá-los. Pesados tratores e caminhões modernos extraem o ferro que é embarcado com a ajuda de guindastes enormes nos vagões dos trens. Os vagões são desembarcados também automaticamente, dois a dois. Além de ferro, Carajás é conhecida como a maior província mineral do planeta porque tem ouro, cobre, manganês, prata e outros minérios.

Um total de sete sondas estão furando a mais nova jazida descoberta, a de Serra Leste, rica em ouro, ao lado da badalada Serra Pelada, onde um dia 60 mil garimpeiros chegaram a procurar ouro. Será a maior jazida do rico minério no país quando produzir pelo menos 15 toneladas/ano. Mas não é uma mina a céu aberto como a de Igarapé Bahia, também em Carajás,

que produz hoje em dia 10 toneladas ao ano de ouro.


O potencial de Igarapé já calculado é de 110 toneladas e o de Serra Leste, de 300 toneladas. Pode chegar a mais, porém, ainda é preciso ter provas concretas para alterar os números. “Isto é o que já conseguimos provar. O resto é especulação”, explica o engenheiro Luis Nepomuceno, chefe da exploração de Serra Leste.

Subsolo — O ouro de Serra Leste está muito bem escondido no subsolo e as sondas tentam descobrir agora como ele está e de que forma será explorado. A intenção dos técnicos é de chegar a explorar como está o solo até 400 metros: este ano chegará a 233 metros e em janeiro de 1999 a 400 metros. Um projeto de R\$ 250 milhões até a primeira barra ser produzida.

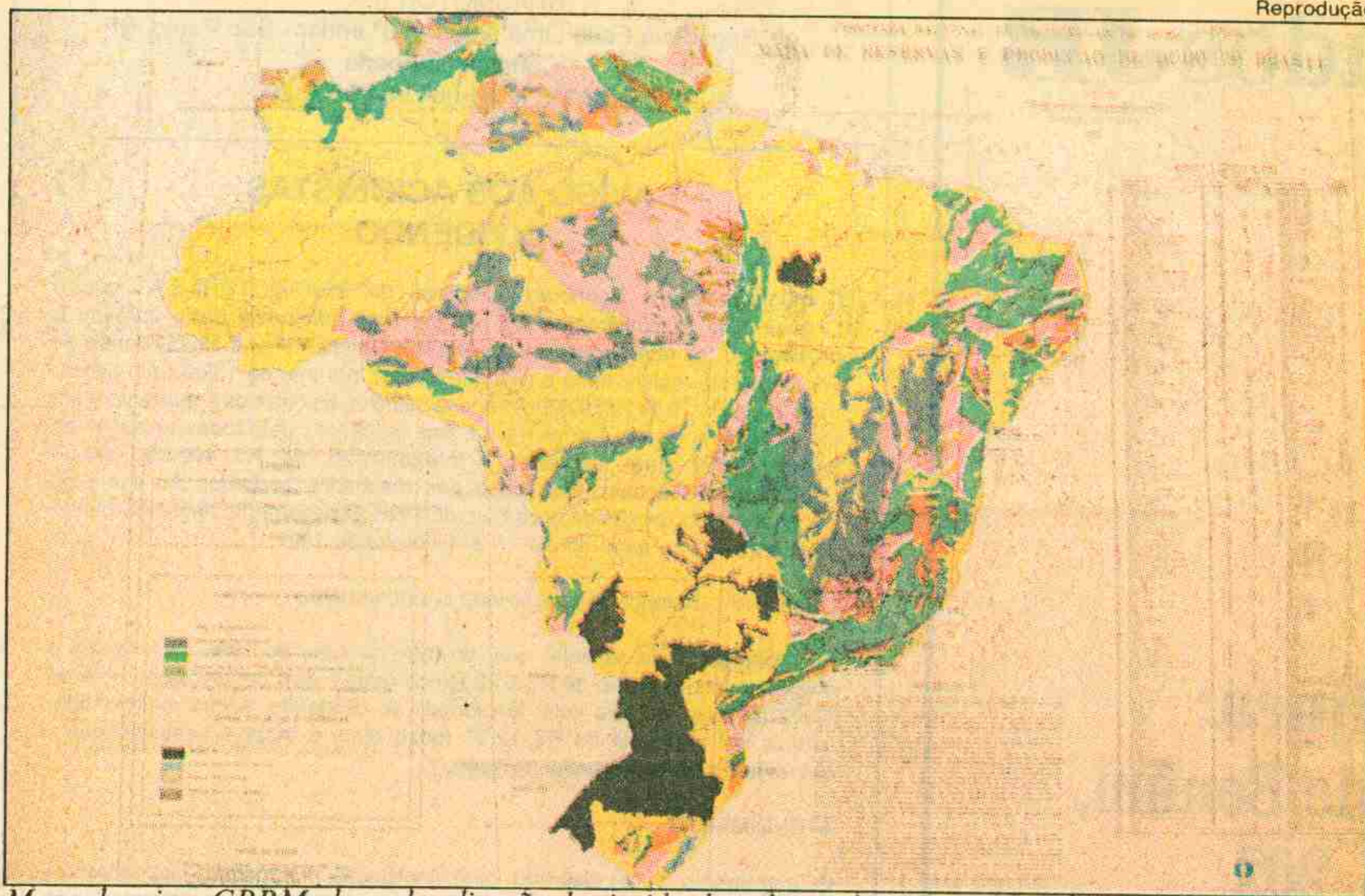
“Quando se fala em reserva ninguém pensa nos custos de prospecção, extração e da transformação do minério. Não adianta só estimar quanto há de minério na região e multiplicar pelo valor no mercado internacional. É um cálculo muito mais complexo do que se imagina”, explica Henrique Kahn, professor da área de caracterização de matéria-prima mineral da Universidade de São Paulo (USP).

“Várias minas são economicamente inviáveis. O cobre de Salobo, da Vale do Rio Doce, na mesma região de Carajás, é um exemplo. As últimas estimativas davam conta de que seria necessário gastar cerca de R\$ 1,8 bilhão. Não vale a pena ser explorado”, diz o professor Henrique Kahn.

Citando o exemplo de empresas da área de fertilizantes que antes eram do sistema Petrobrás e hoje estão nas mãos do setor privado, o Kahn acredita que a Vale poderia render muito mais se fosse privatizada. “Concordo quando dizem que a empresa é lucrativa. Mas esta equação precisa ser feita por completo. A Vale seria muito mais lucrativa sem as amarras estatais”.

INSTITUTO

 SOCIOAMBIENTAL
Documentação
 Fonte: DESP
 Data: 15/1/97 Pg. cont.
 Class.: 61

Reprodução



Mapa da mina: CPRM abre a localização das jazidas brasileiras de ouro para atrair novos investimentos

Jazidas aquecem as bolsas

LIANA VERDINI

O anúncio da descoberta de uma grande mina de ouro entre as reservas da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) mexeu com as bolsas de valores. Impulsionadas pelo capital estrangeiro neste início de ano, as bolsas subiram desde a abertura, puxadas pela alta da Vale. As ações preferenciais (sem direito a voto) deram um salto de mais de 4% logo no início do pregão e depois de muita oscilação durante o dia fecharam nos mesmos níveis da abertura. Os investidores entendem que a descoberta resultará em valorização das ações no processo de privatização.

Na segunda-feira, as ações encerraram o pregão cotadas a R\$ 22 na Bolsa do Rio. Ontem, já na abertura, o papel foi negociado a R\$ 23, mesmo valor do fechamento do mercado. Logo cedo, o vice-presidente da companhia, Anastácio

Fernandes Filho, enviou comunicado às bolsas esclarecendo que a descoberta já fora comunicada ao mercado em outubro do ano passado. Ele acrescentou ainda que os resultados das pesquisas são promissores e novas avaliações estão em curso. "Portanto, ainda não há condições para avaliações quantitativas", disse o comunicado.

Embora a Vale tenha negado a existência de dados numéricos, na empresa os estudos sobre novas jazidas em Carajás indicam possibilidade de extração de mais de 1,5 grama de ouro por tonelada de cobre extraído. O ouro seria um subproduto, o que reduziria o custo de extração. Além disso, haveria outros depósitos de cobre com alta concentração na região de Carajás.

No comunicado ao mercado, a Vale informou ainda que "como é típico a qualquer empresa de pesquisa mineral", novos alvos de pes-

quisas geológicas na região fazem parte do programa de longo prazo da companhia. O comunicado, no entanto, não foi suficiente para conter o otimismo dos investidores. Afinal, um volume maior de reservas minerais atrairá mais interessados para a privatização da companhia. No fim da cadeia, todo este interesse se refletirá no preço das ações em bolsa.

As principais bolsas de valores do país responderam positivamente ao adiamento da votação da emenda de reeleição na Comissão Especial da Câmara dos Deputados de ontem para hoje. A descoberta de jazidas de cobre e ouro em Carajás, Pará, também auxiliou a boa performance dos pregões, que no Rio fechou com uma alta de 3,2%, e na capital paulista, com uma variação positiva de 2,82%.

Documentação

LOGICAMBIENTAL

Fonte _____

Data 15/11/97 Pg. 001

Class. 6

Venda sairá, mas com preço maior

ALEXANDRE PINHEIRO E
JAÍLTON CARVALHO

BRASÍLIA — O governo não vai alterar o cronograma de privatização da Companhia Vale do Rio Doce, apesar das descobertas de novas jazidas de ouro e cobre em Carajás (PA). O porta-voz da Presidência da República, Sérgio Amaral, afirmou ontem que a descoberta não afetará a privatização, mas aumentará o preço mínimo da empresa, ainda não fixado. "O valor das jazidas será incorporado ao preço mínimo", disse Amaral.

O porta-voz informou que as novas reservas são um aprofundamento da mina já descoberta pela Vale no ano passado. Segundo Amaral, todas as descobertas que forem feitas daqui para frente também significarão novos ganhos pelo governo, que manterá ações especiais da Vale (as *golden share*) e receberá *royalties* depois que a empresa for privatizada.

A descoberta de jazidas que corresponderiam a um "novo Carajás" deu novo fôlego aos opositores da venda da Vale, capitaneados pelo presidente do Congresso, senador José Sarney (PMDB-AP), e pelo ex-presidente Itamar Franco.

Oposição — "A descoberta é mais um motivo que reforça a luta contra a privatização da Vale", afirmou Sarney. O presidente do Congresso considerou também que as novas jazidas são uma prova de que o Senado realmente não poderia ter atendido à vontade do governo de acelerar o processo de privatização da companhia. "Os compradores agora se beneficiariam com as jazidas descobertas", afirmou Sarney.

O senador voltou a defender que o governo reveja a venda da Vale. "O processo está se revelando danoso ao patrimônio nacional", disse. Sarney recebeu em seu gabinete o presidente do PT, José Dirceu (SP), e o presidente de honra do partido, José Inácio Lula da Silva, que também contrários à privatização. Lula e José Dirceu foram ao Congresso participar de uma manifestação convocada pelo Oposição contra a venda da Vale e a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Desconhecimento — O Ministério do Planejamento informou ao longo do dia que não tinha conhecimento das jazidas. De acordo com a assessoria do ministro Antônio Kandir, mesmo que descobertas como essa se confirmem, o governo não mudará a modelagem de venda já aprovada pelo Conselho Nacional de Desestatização. O cronograma da privatização da Vale prevê a publicação do edital de venda ainda no primeiro trimestre e a realização do leilão até o meio do ano.

Dentro do governo, economistas avaliam que o vazamento de informações sobre a descobertas de jazidas pode ter sido articulado por funcionários da Vale, também contrários à sua venda. Defensores da necessidade da privatização da Vale para sinalizar ao mercado financeiro as intenções do governo, esses economistas minimizam as descobertas. Segundo eles, todo mundo sabe que as reservas existem e o que está acontecendo é apenas a continuação das pesquisas de exploração.

Destques — Entre os mais ilustres opositores da privatização da Vale, que têm procurado obter assinaturas para manifesto contra a venda da estatal, destacam-se o ex-presidente Itamar Franco, os ex-ministros Aureliano Chaves e José Aparecido, e o ex-presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, Luciano Mendes de Almeida, além do presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho.